

REMATE DE MALES, Campinas, (9): 63-70, 1989

C O R R E S P O N D Ê N C I A

(originais depositados na Casa de Rui Barbosa, Rio de Janeiro)

Maury Gurgel Dalente tem a honra de participar a D. Ecla. e

Exma. familia o seu casamento com a Senhorinha Clarice Lidyector

Rio de Janeiro, em 23-1-43

*Rua do Russell, 102 - app. 302
Phone 42-7855*

Le 324
cp

Belem, 24 maio 1944

Lucio

Não sei se voce recebeu há dias um envelope meu com o pedaço do romance para Condé, "Atlantico". Até escrevi a Tania pedindo que ela ~~le~~ lhe telefonasse perguntando isso. Mas ~~agora~~ hoje me lembrei de uma coisa e escrevo-lhe rapidamente para não perder a hora do correio e não atrazar. É o seguinte: o final ~~de~~ do trecho, se não me engano, tem uma virgula que me incomoda horripelmente: eu gostaria que voce a retirasse em nome de nossa amizade... ~~Se~~ Se voce acha que não serve para publicar, o caso é outro. O fim do trecho: "E às vezes, numa queda, como se tudo se purificasse — ela se contentava em fazer uma superficie lisa, serena, unida, numa simplicidade

dade fina e tranquila." É a vírgula de
depois do "às vezes". Gostaria que ficasse
assim: "E às vezes numa quéda, como se tudo
se purificasse — etc". Perdoe a to-
lice, estou envergonhada. Mas prefiro mes-
mo sem vírgula... Agora vou pôr isso no
correio. Adeus, um abraço da

Clarice

Clarice

*lembranças a Otávio.
Eu gostaria de ter o endereço
dele.*

Clarice:

Estou escrevendo da galeria Askaniy, junto de Truqaard, sobre quem ai' vezes converso a seu respeito. Digo "ai' vezes" porque sempre converso a seu respeito com todo o mundo. Só Truqaard é que vejo de vez em quando.

Não há nenhuma pequena tragédia! Sou realmente muito seu amigo, e sentindo muito si' você não acredite neste. E há quem sempre tenha escrito cartas, achos que tenho por outros meios procura o provas em tudo, não?

Junho muito a sua sorte de estar na Italia. Aqui faz calor e é sempre o mesmo. Na falta de Hete para me apaixonar, apaixonei-me por Selt Horizonte, o que é uma velha paixão, aliás.

Não li o seu livro, mas tive muita vontade disto, posto do título "O Lute" mas não muito. Acho muito magnífico e um tanto goza para peria tão rica como você. Tenho falado com frei Olympio, mas ainda não há nada decidido. Mas prometo que saia no ano proximo (sairei no dia 28 de Dez...) de qualquer modo. "A professora Hilde" ainda não saiu assim que sai quando para você. Estou escrevendo um outro livro que se chama "O Anfiteatro". Talvez você goste.

Clarice, não deixe de me escrever. Furo como um amigo. Só que sou muito preguiçoso, mas sob palavra que outra carta que recebi sua, responderei com um Estamento de vinte paginas. E você escreve cartas tão lindas, tão naturais!

Quando verá o seu segundo? Dei todos os meus recados a Octavio e Leda too. Ambos curaram lembranças e vão escrever também. Quando você escrever de novo, queira que mandasse umas linhas para - Jacques do Pido Brindão - um amigo meu de Uliuás que é louco por você. Adens, lembranças ao Mauro, grande abraço. Sou muito, muito seu amigo e de Tania.

Lucio

161

Lucio, espero que a carta ¹⁹²⁴
ao seu amigo ^{um pouco} ^{deu} ^o ^{melhor} ^{de} ^{idiotas} ^{mas} ^{seu} ^{filho}
Lucio, caro: ^{me escreva sem parar. Obrigada.}

Que alegria receber sua carta, tão curta e tão apressada. Mesmo assim, grazie tanto pela lembrança. Me fez boa re-
deber qualquer palavra sua. Me entristeceu um pouco você
não gostar do título, O Lustre. Exatamente pelo que você
não gostou, pela pobreza dele, é que eu gosto. Nunca con-
segui mesmo convencer a você de que eu sou pobre...; in-
felizmente quanto mais pobre, com mais enfeites me enfeito.
No dia em que eu conseguir uma foras tão pobre quanto eu o
sou por dentro, em vez de carta, parece que já lhe disse,
você recebe uma caixa cheia de pó de Glorice. Talvez
você ache o título mesquinhão porque você sabe que eu li
ultimamente as cartas de Katherine. Mas acho que não. Por
ra as mesmas palavras dá-se esse ou aquela cor. Se eu es-
tivesse lendo então Proust alguma pensaria um lustre prou-
tiano (meu Deus, ia escrevendo proustito!), uma dessas
pequenas coisas a quem ele dá tanto sentido mas sem dar
nenhum valor sobrenatural. Se estivesse ouvindo Chopin,
pensaria que meu lustre era um desses de grande salão,
com bolinhas delicadas e transparentes, encobertas pelos
passos de águas doces e tristes deitado. O diabo é
que naturalmente eu venho sempre por último, de modo que
eu sempre estou no que já está feito. Isso muitas vezes
me deu certo desgosto. Assim, eu estava lendo Poussière e
encontrei uma coisa quase igual a uma que eu tinha escrito.
E agora que estou lendo Proust, tomei um choque ao ver a
le uma mesma expressão que eu tinha usado no Lustre, no
mesmo sentido, com as mesmas palavras. A expressão não
é grande coisa, mas sem sendo medíocre se chega a não cair
nos outros. Mas isso não importa tanto. O que importa
é trabalhar, como você tantas vezes me disse. E é isso o
que eu não tenho feito. Minha impaciência chega a ser tão
grande às vezes que me dá. Mas não tenho gostado verda-
deiramente da Itália, como não poderia verdadeiramente de
nenhum lugar; sinto que há entre si e tudo uma coisa,

em vez de tanto
deu certo
de que ele
me escreva
sem parar.
Obrigada.

como se eu fosse daquelas pessoas que tem os olhos cobertos por uma camada branca. Sinto horrivelmente ter que dizer que esse veni é exatamente assim vontade de trabalhar e de ver demais. Um dia desses pensei com tristeza de como é genial a tortura da mediocridade... Sinto tanto, tanto ser tão fraco. Gostaria de tal, de tal forma poder trabalhar sem parar. Mas não consigo, as coisas me vêm esparsas - e além disso eu de tal modo desconfio de mim, com medo de escrever facilmente com a ponta dos dedos, que nada faço. Quer se sair, Lucio? Não que eu mereça ser saído, mas mereço como qualquer pessoa ter os péssimos em cima da terra. Eu queria fazer uma história cheia de todos os instantes, mas isso sufocava o próprio personagem. Acho mesmo que meu mal é querer ter todos os instantes. Que eu estou idiota, você não precisa dizer, sei bem...

Não toqui ao fato de você ler meu livro porque sei que você não gostará; e isso me entristeceria. Estou lendo a sombra das raprugas em floire, como traduziram os portugueses, estou lendo em francês naturalmente. Eu pensava que ia gostar de Proust como se goste das coisas esmagadoras; mas com grande surpresa vejo que tenho um prazer enorme e sincero em lê-lo, acho-o naturalíssimo, nada oculto, nada imponente, pelo contrário, de uma modestia intelectual que nunca se sacrifica por um brilho, por uma imagem; você concorda? diga. Que é que você faz? Minha irmã Elisa mandou-me uma tradução sua de Emily Brontë, ainda não li de tão cheia de mil pequenas ocupações esses dias. Porque a professora Hilde não aparece? O que é o anfiteatro? é o anfiteatro com gente vendo espetáculo ou o anfiteatro escuro na hora da limpeza? que mistério. Explique, se é que você ainda se escreverá, tão desiludida é esta pobre moça. Que Elisa vai ~~uma~~ posar (ia escrevendo posar, mas a tempo corrigi assim natureza de posar) para uma pintora brasileira - há muitos anos aqui, uma que tomou parte na seara de

NÃO SEJA PREGUIÇOSO!!!

Lucio, não quer que eu vá aqui?

arte moderna, Zina Aita. Acha-se com certeza seu rosto "característico", como já se disseram tantas vezes sem dizer característico de que. Com certeza é qualquer coisa feia. - Aqui as ruas são tapetadas de bambinos, principalmente os becos. A gente fica boba para passar entre eles (aos bacos todos vivem na rua, cozinham etc), crianças que enfeitavam, crianças que já tem ar sabido, imundas, com aspecto saudável na maioria, com a carinha vegetativa, sentadas no chão. Tem feito bem frio, de vez em quando com um pouco de neve. O Vesúvio está com as encostas brancas. Mas ainda não vi neve caindo propriamente dita, em flocos. Quando vejo ~~xxx~~ já está no chão, e como é pouco fica logo meio derretida, não muito branca. A primeira vez o chauffeur do consulado veio me dizer que o carro estava com neve. Eu abri a porta e corri e peguei um punhado (fica um pedaço grudado e outro), quando veio Maury com um ar sangüíneo, bateu na minha mão que segurava a neve, a neve caiu e eu fiquei com cara de boba. Em ~~Então~~ ela me lembrou que eu estava bem resfriada, que podia pegar uma pneumonia, etc. Mas eu estava inconsolável. No dia seguinte, eu estava no quarto, Maury entrou com um papel dobrado, desembrulhou e mostrou um penquinho de neve que ele tinha ido buscar para mim. A coisa estava derretida, horrível, e Maury com um ar de triunfo, mas era um presente mesmo. Hoje está fazendo um bom sol, mas minha janela está quebrada e eu não posso abrir. - A lavadeira de casa, uma signorina, está esperando bebê e vive espionando a nossa cozinha e tremendo com os olhos enormes. Um dia desses fui pedir uma xícara de chá e só ela estava lá. Quando pedi que ela fizesse, ela treveu de alegria e disse: faço uma saca por mim (saca é tamba!) (e faço não sei se se escreve assim...) - Lucio, se escreva as vinte páginas que você prometeu, ou mesmo, duas ou três apenas. Não seja egoísta, nem preguiçoso, isso me ofende. Diga a Irgeard que não escrevo por enquanto porque estou procurando os dois endereços que ela pediu. Um grande abraço para você de

Lucio

Carice:

CL 30
Tenia uma vergonha de ir a que
a Tringard partisse sem lhe avisar e
mas linhas. Recibi uns dois bilhetes, e
o netuno. principalmente, incluem em de
noticias suas, detalhadas, a respeito de sua
vida, planos, novo livro, a desissa, seu pro-
ximo virado ao Brasil, etc. Entao, amigos
que se escreve para os vellos amigos que
nao se esquecem, apesar de nao escreverem
cartas? Que faz você, que anda planejan-
do, que adeon^{do} Paris? Noticias suas so as
recebo por intermedio dos primais, votas
em que "O Lustre" brilha, citações, notas,
etc. Por falar em "O Lustre", continuo
adando - o uma autentica obra-prima.
Que grande livro, que personalidade, que
escritora! Mas isto e velho, não?
Eu continuo velho e abando udo. Estou
curioso quanto o "Anfitriao" para
distrair-la das suas paisagens brancas onde
deve viver agora. No que se refere ao re-
to... Não ha.

I-60

Nossos amigos vão bem. Octavio escreve muito como sempre, esperando ver seu novo livro dentro em breve nas livrarias. Lido, Bruno Geisoly, reguem com bilhoes em tanta camião de escritor no Brasil.

Clarice, acredit. que não me esqueço de amigos exilados nessas frias Terras. Pensei um dia em ir vê-los, se não tanto tiver coragem de atravessar o mar, de prender-me das pobres coisas que me prendem aqui. Quem sabe Portugal não me levar um dia?

Despedi-me com recomendações ao Manry. E escrevo, Clarice, que suas not. Gas são recebidas aqui como autênticos presentes.

Seu amigo de sempre,

Lucio.

Clarice:

Fundei um teatro para nós. Chama-se "Teatro de Camera", foi subvencionado pelo governo e se apresentará ao publico, numa temporada de apresentação, nos primeiros dias de Outubro, no "Teatro Gloria". O repertorio é o seguinte: "A corda de prata", deste seu amigo e criado, "O Jardim", de Cecilia Meireles, "Mensagem sem rumo" de Agostinho Olavo, "Para além da vida", do poeta portuguez atualmente entre nós, Rebelo de Almeida, e finalmente um classico "O Anfitrião", de Antonio José, o judeu, modernizado por Marques Rebelo. Ha grandes cenaristas: Santa Rosa, Burle Marx, etc. As estrelas principais são duas: Alma Flóra, esplendida e Maria Sampaio, que você deve conhecer. Agora, como é um empreendimento profissional, e necessitamos de grande publicidade, gostaria que você, caso pudesse ou se interessasse, escrevesse quatro ou cinco linhas dizendo o que pensa e apoiando a iniciativa do Teatro de Camera. Explico melhor o titulo: é um teatro destinado a enfrentar essa idéa de que o teatro é o espetaculo, a grande montagem. Está para este ultimo, como o trio ou o quarteto, para a sinfonia e o concerto. O que não significa que o trio seja menos musica, ou menos profundo. Ao contrario. Resta esclarecer que não ha nenhum ranço politico no grupo, e que acolhemos todo mundo, desde Cecilia Meireles a Jorge Amado, que vai nos dar uma peça chamada "A estrangeira". Ha tambem uma de Nelson Rodrigues, "Electra". Com estes dados, você poderá nos enviar um ~~mau~~ apoio livre de qualquer suspeita de "reacionarismo"...

E você, Clarice? Gostei de receber sua carta. Ha tanto não tinha noticias suas! É verdade que a minha preguiça de escrever cartas é imensa,

5.59

mas adoro receber cartas. Gostaria muito de saber o que é este novo livro que está escrevendo, quando vem por aqui, etc. E de Paris, que viu, quais os teatros que frequentou, que quem são agora os seus amigos? Como vai Irmgaard, chegou e venceu? Não fala mais em voltar ao Brasil?

A ultima pessoa que sobra aqui sou eu. E acho que nunca conseguirei sair daqui, ou melhor, não tenho forças, não quero. Ou talvez ainda seja cedo.

Tenho escrito muito para teatro e tratado muito deste assunto. Para publicar ou em vias de publicação, não tenho nada. Às vezes escrevo em jornais, e então me lembro da Clarice Lispector. Mas ultimamente ando desconfiado que me lembro demais de tudo, as coisas parecem tão distantes, tão profundas - e desconfio que estou irremediavelmente um velho. Mas será um mal? Descobri que ha outro pior do que se sentir velho: é vêr em torno de nós o envelhecimento daqueles que gostamos. É como se assistissemos uma morte devagar. Mas isto é muito lugubre, não? Escreva-me dando noticias suas, de Maury e da Suissa. Que ha aí, que se faz, como se exprime essa gente? Às vezes desconfio que Suissa é mentira, que inventaram lugares assim para nos sentirmos misteriosos e ricos, mas que na verdade o mundo acaba ali perto. E que você está escondida perto de Minas, numa casa grande com janelas azuis, dizendo que foi para a Suissa. Bem, Clarice, um abraço para o Maury e muitas saudades minhas, fraternas e reais, para você. Seu velho de sempre,

Lucio

26-7-47

Acho que em setembro vou, em férias a Espanha e Portugal. Você quer alguma coisa de lá? Eu posso trazer, e mandar com o primeiro portador.

B. Lima, 13 agosto 1977 L. 193

Lucio,

realmente tem muita gente e muita coisa envelhecendo, isso me assusta. Contanto que isso nunca suceda a você, caro Lucio. E nunca sucederá. Mesmo o Teatro de Camera mostra que você está jovem do mesmo jeito. E você tem bem razão de não querer sair do Brasil. Se sair, que seja por pouco tempo, só para dar uma espiada, e voltar. É ruim estar fora da terra onde a gente se criou, é horrível ouvir ao redor da gente línguas estrangeiras, tudo parece sem raiz; o motivo maior das coisas nunca se mostra a um estrangeiro, e os moradores de um lugar também nos encaram como pessoas gratuitas. Para mim, se foi bom, como um remédio é bom pra saúde, ver outros lugares e outras pessoas, já há muito está passando do bom, está no ruim; nunca pensei ser tão inadaptável, nunca pensei que precisava tanto ~~das~~ coisas que possuo. Embora agora mesmo esteja envergonhada de ser assim, porque enquanto escrevo a catedral está batendo os sinos; fico envergonhada de não viver bem em qualquer lugar onde uma catedral bata sinos, onde haja um rio, onde as pessoas trabalhem e façam compras; mas é assim mesmo.

Você sabe que sou difícil de fazer uma frase boa, embora sobre coisa que me interesse, como o Teatro de Camera. Fiz uma, um pouco além de quatro ou cinco linhas sem querer; você tem direito de transformá-la como quiser; ou, se não servir de tudo, você me diz ~~me~~ para eu fazer outra, está bem?

"Os autores, cenaristas e artistas que trabalham para o "Teatro de Camera" asseguram a realização de seu propósito — fazer o gesto recuperar o seu sentido, a palavra o seu tom insubstituível, permitir que o silêncio, como na boa música, seja também ouvido, e que o cenário não se limite ao decorativo e nem mesmo à moldura apenas — mas que todos esses elementos, aproximados de sua pureza teatral específica, formem a estrutura indivisível de um drama."

signé: Lili, rainha do Deserto.

Não sei se compreendi bem a intenção do Teatro de Camera, mas como compreendi achei ótimo. Eu queria tanto saber como é a corda de prata. O que é, Lucio, conte, por favor, um pouco ao menos. E escreva. Se você soubesse como me faz bem receber uma carta sua, como me anima. Eu estava precisando tanto que você me ajudasse no meu trabalho. Que mais você tem feito? Quando é que Octavio volta? Como é o jardim, de Cecília Meireles? deve ser uma maravilha, e eu tinha tanta vontade de conhecer a peça e a autora.

Escreva, Lucio, é muito bom. Aqui estou esperando, com muita saudade mesmo.

Lili

CLARICE E MAURY GURGEL VALENTE

PARTICIPAM O NASCIMENTO DE

PEDRO

BERNA, 10 DE SETEMBRO DE 1948



























